

---

Experiência Visitada: Projeto de Mini-fábricas de Beneficiamento de Castanha de Caju: O caso do Assentamento Che Guevara

---

Em 2013, no primeiro semestre de Administração Pública na FGV-EAESP, conheci e me interessei fortemente pelo Projeto Conexão Local Interuniversitário (CLIU), pois o objetivo que este possui, que é imergir alunos de diferentes instituições numa realidade diferente e introduzi-los na pesquisa de campo, me cativou e encontrei nele uma extensão do meu próprio curso, pois, já pensava naquela época, que uma futura gestora pública ou pesquisadora não poderia ficar limitada aos “moldes metropolitanos” de São Paulo. Enxergava no CLIU, portanto, uma forma de ampliar meus horizontes e quebrar vários “senso comuns”. Infelizmente, por questão de idade (eu tinha apenas 17 anos no período de inscrição), não pude me inscrever, mas esperei ansiosamente até o próximo período de inscrição.

Com 18 anos e no terceiro semestre, me inscrevi para o edital CLIU-2014 e realizei todas as etapas do processo seletivo. A etapa mais interessante, em minha opinião, foi a ida ao restaurante Bom Prato e depois o relato sobre as percepções que tive em relação a experiência. Mesmo que num período bem curto, me senti muito bem ao assumir a “função” de pesquisadora, pois, o que podia ser uma experiência comum (apenas ir e comer a refeição), foi uma experiência nova, em que tudo ao redor era interessante: as pessoas, as conversas e o próprio lugar.

Felizmente, fui aprovada e junto com minha dupla, Bruno Giorni (UFAC), e os supervisores Tatiana Sandim (FGV-EAESP) e Anderson Peixoto (UFAC), fomos para o estado do Ceará, no município de Ocara, conhecer e pesquisar o caso do Assentamento Che Guevara, que possui uma mini-fábrica de beneficiamento de castanha de caju.

A experiência de imergir numa realidade completamente diferente, tanto em aspectos físicos, quanto em aspectos socioeconômicos, é extremamente rica, resultando em ganhos em dois grandes pontos: no “fazer pesquisa de campo”, em que desenvolvemos a escuta, o diálogo e aprimoramos os sentidos de forma a ficar mais atento às informações e ao entorno, mapeando atores e questões a serem observadas; e, no ganho “pessoal/subjetivo”, principalmente, em que conhecemos e temos empatia pelas pessoas que são daquele contexto completamente diferente do qual vivemos.

Eu e minha dupla tivemos a oportunidade de nos hospedar por cinco dias no assentamento Che Guevara, na casa de Lucimar, uma das assentadas e ex-presidente da Assembleia Che Guevara. Nesses dias, vivemos o cotidiano daquele contexto: acordamos cedo, trabalhamos na mini-fábrica, fomos ao roçado, entre outras coisas. Mas, além de conhecermos e vivenciarmos o dia-a-dia do assentamento, pudemos compreender e sentir a luta daquelas pessoas, a importância do assentamento (e da terra) e mini-fábrica para essas, ambas concretizando a melhoria de vida frente à exploração no qual os assentados eram submetidos.

---

Tendo contato com toda essa história de luta, a quebra de “senso comuns” e a ampliação dos

---

horizontes se tornam inevitáveis, o que é extremamente positivo, pois tira (ou pelo menos, distancia) o indivíduo do seu “microcosmo” e o coloca diante uma realidade muito mais ampla. E esse enorme ganho pessoal/subjetivo reflete também nas ideias que tal indivíduo formular, tendo muita relevância numa possível carreira de gestor público, pois, para formular políticas públicas eficientes, sejam elas bottom-up ou top down, é essencial conhecer outros contextos e pensamentos, para que sua política, além de ser identificada pela comunidade, atenda as demandas desta.

As três semanas de campo foram marcadas por uma imensa gentileza e hospitalidade das pessoas que nos receberam, o que me permitiu criar um laço afetivo com muitas delas. Por exemplo, numa tarde no assentamento, um grupo de meninas me levaram para passear na região, me mostrando tudo o que havia ali e me perguntando se eu já tinha visto (alguma vez na minha vida) os animais que elas me mostravam, como bois e galinhas. Isso foi, além de um exercício de auto-avaliação cômico de mim mesma, um gesto de enorme amorosidade daquelas pessoas, me fazendo sentir como uma delas.

Muitos das questões que vi na pesquisa de campo, eram, antes da imersão, temas teóricos que eu lia e refletia no meu cotidiano e, portanto, estavam apenas no “campo das ideias” e não na prática. Questões como cooperativismo, economia solidária, reforma agrária, relações de gênero e tecnologia social são temas que eu conhecia apenas “nos livros”, mas, com o CLIU, eu tive a oportunidade de ver as pessoas daquele contexto de fato praticando e implantando, sem precisarem, porém, ter lido grandes intelectuais que discutem essas questões. E, assim, a experiência mostrou a importância do “saber popular”, que muitas vezes é escondido injustamente pelo “saber acadêmico”.

A agricultura é um importante exemplo de tal “saber popular”: numa ida ao roçado coletivo do assentamento, Luís foi nos ensinando práticas do cultivo de caju, mostrando como é possível ter uma boa produção sem o uso de agrotóxico. Luís, mesmo não tendo um alto nível de escolaridade, tem um profundo conhecimento sobre agricultura, e, dessa forma, representa um riquíssimo “saber popular”, pois aprendeu as práticas agrícolas por familiares e amigos, além de estar sempre experimentando melhores formas de cultivo.

Voltando para São Paulo, me deparei com um outro tipo de aprendizado: a de produção acadêmica. A construção do relatório, a orientação dos supervisores e o constante processo de melhoria foram de suma importância para amadurecer frente à produção acadêmica.

Em síntese, a experiência do CLIU permitiu aprendizados e ganhos de diversos tipos, que vão desde o lado subjetivo, com o contato e a vivência com as lutas e bandeiras das pessoas daquele contexto, até o lado acadêmico, com o aprimoramento das práticas de pesquisa de campo e produção acadêmica.

---